

## O PAPEL DAS EMOÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Lupercia Jeane Soares

*Universidade Federal da Paraíba (luperciajeane@yahoo.com.br)*

### RESUMO

Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, a qual surgiu quando, ao analisar diferentes estudos e realizar pesquisas que priorizavam a melhoria da aprendizagem, além de experiências na prática pedagógica, direcionei meu olhar às emoções que compreendem parte significativa do desenvolvimento humano. Desta forma, considerando o processo biológico e social de apropriação do conhecimento, esta pesquisa indagou sobre a importância de verificar a influência das questões emocionais na escolarização dos aprendentes. As emoções são reações globais, inatas e passageiras. A palavra emoção vem do latim e-movere, que quer dizer mover a partir de dentro, logo, as emoções são fatores intrínsecos à constituição do ser e se manifestam em diferentes situações vivenciadas no ambiente em que o sujeito está inserido. Representa uma passagem entre o sistema orgânico e mundo social originando um nível de consciência do indivíduo, assim, as emoções interferem de forma significativa nos processos de ensino e aprendizagem. Portanto, este estudo considerou a importância das emoções na dinâmica autopoietica dos indivíduos, sabendo que a autopoiese está relacionada ao processo de construção do conhecimento que cada indivíduo organiza em si mesmo e estudos da neurociência têm apontado para a influência das emoções como base das ações humanas, constata-se que a emocionalidade dos indivíduos não pode ser analisada como um processo à parte do desenvolvimento humano. Assim, foi realizado estudos a certa das investigações de pesquisadores como Elisa Gonsalves, Rafael Bisquerra, Humberto Maturana e Francisco Varela, José Maria Martins, bem como do pensamento teórico de Wallon, Piaget, Vygotsky acerca da aquisição do conhecimento socialmente construído.

**Palavras-chave:** emoções, aprendizagem, autopoiese.

*“As emoções podem ser consideradas,  
sem dúvida, como a origem da consciência[...].”  
Henri Wallon*

Investigar os processos de aprendizagem deve ser uma constante para todo professor que se preocupa com o desempenho eficiente e eficaz dos educandos, conseqüentemente, com seu próprio desempenho como mediador desse processo.

Como professora da Educação Básica há 17 anos, sempre busquei refletir sobre minha prática docente, buscando estratégias de ensino que contribuíssem para melhorar minha atuação no alcance dos objetivos educacionais. Assim, surgiram inquietações voltadas para uma prática pedagógica que, de fato, possibilitasse um desenvolvimento humano integral proporcionando aprendizagens mais significativas na vida acadêmica dos meus alunos.

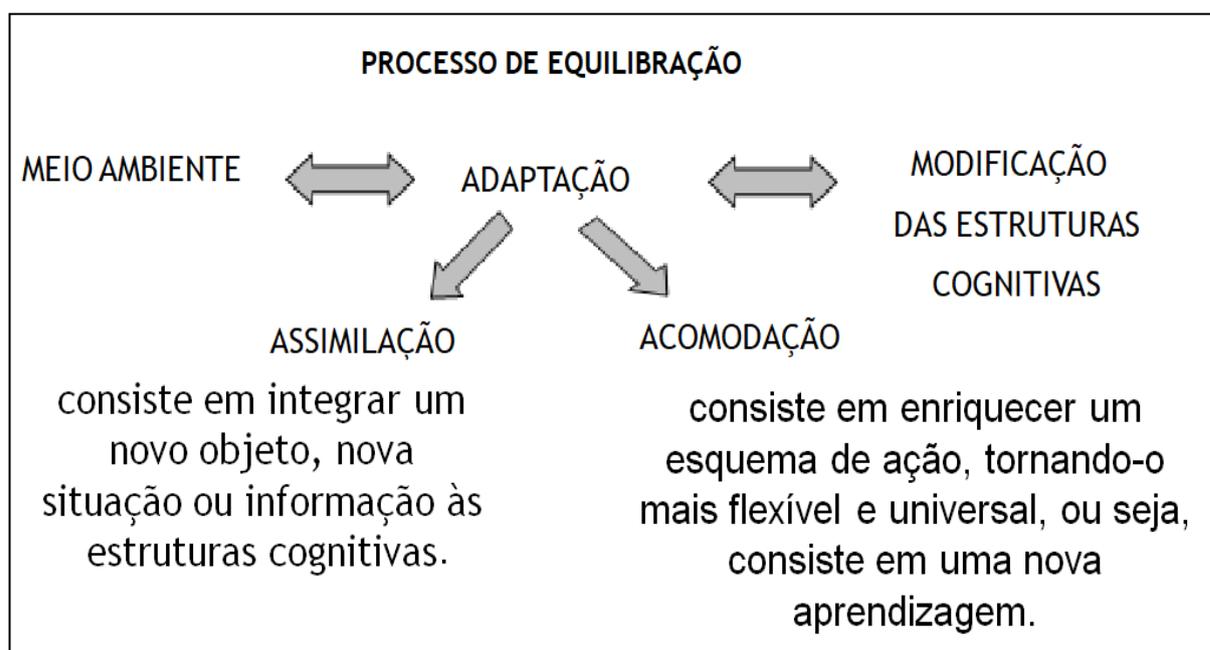
Desta forma, esta pesquisa buscou como objetivos examinar o processo de aprendizagem; compreender a autopoiese como um sistema auto-organizativo na construção de conhecimentos; identificar o papel das emoções no processo de aprendizagem.

Este artigo se trata de uma pesquisa bibliográfica, na qual foi investigado o papel das emoções como fator estritamente presente no desenvolvimento humano e, conseqüentemente, no processo de aprendizagem. Inicialmente, foi realizado um estudo acerca da autoapoiase para compreender a aprendizagem do ponto de vista dos estudos de Humberto Maturana e Francisco Varela. Na seqüência, busquei organizar conceitos e tipos de emoções segundo José Maria Martins para então fazer a articulação entre esses dois eixos para uma educação que se propõe integral.

Embasada nos estudos de Elisa Gonsalves, Rafael Bisquerra, Humberto Maturana, Francisco Varela, Wallon, Piaget e Vygotsky, este artigo buscou mostrar o papel fundamental das emoções na escolarização dos educandos.

Desta forma, compreender como se dá a aprendizagem é fundamental para contribuir com o sucesso no desempenho acadêmico e na vida. De acordo com os estudos de Piaget, o processo de aprender provoca uma sucessão de equilíbrio e desequilíbrio das estruturas cognitivas. A este processo, pelo qual os indivíduos constroem os conhecimentos, Piaget denominou de equilíbrio das estruturas cognitivas: “uma seqüência de compensações ativas do sujeito em resposta às perturbações externas” (PIAGET apud DROZ, 1977, p. 65)

As perturbações externas são os estímulos do meio ambiente, Piaget demonstra a importância da interação com o meio para a aquisição de aprendizagens, é um processo contínuo de adaptação, assimilação e acomodação; equilíbrio – desequilíbrio – reequilíbrio das estruturas cognitivas que se modificam a cada nova aprendizagem adquirida e dependem do desenvolvimento biológico do indivíduo.



Os conhecimentos são formados a partir de novas informações incorporadas às estruturas cognitivas já existentes. À medida que estas novas informações são incorporadas, ocorre uma mudança nas estruturas cognitivas.

Levando em conta, então, esta interação fundamental entre fatores internos e externos, toda conduta é uma assimilação do dado a esquemas anteriores [...] e toda conduta é, ao mesmo tempo, acomodação destes esquemas a situação atual. Daí resulta que a teoria do desenvolvimento apela, necessariamente, para a noção de equilíbrio entre os fatores internos e externos ou, mais em geral, entre a assimilação e a acomodação (PIAGET, 2011, p.89).

O processo de aprendizagem é caracterizado por muitos estudiosos, assim como Piaget considera que a apropriação do conhecimento é individual mediado pelos estímulos externos, para Humberto Maturana e Francisco Varela (2005), a construção do conhecimento que cada indivíduo organiza em si mesmo, indica um processo de autonomia, denominado por eles de autopoiese: AUTO indica autonomia; POIESE processo, expressão que designa a organização dos sistemas vivos.

Os seres vivos se caracterizam pela capacidade de auto-organização no ato de conhecer, se apropriam do conhecimento de acordo com suas próprias necessidades que são geradas frente aos estímulos do meio.

O processo de autopoiese,

[...] pode resultar em seres vivos como nós próprios, capazes de produzir descrições e refletir sobre elas. A partir dessa proposição explicativa, perceberemos de que modo podem ser geradas todas as dimensões do conhecer que nos são familiares (MATURANA; VARELA, 2005, p. 36).

Para Maturana e Varela (1997), a autopoiese ou organização do vivo produz a identidade do mesmo numa autoprodução através da constituição de significados próprios. Esse é um processo de individualização e ocorre através da interação do indivíduo com a informação exterior como um fenômeno interpretativo.

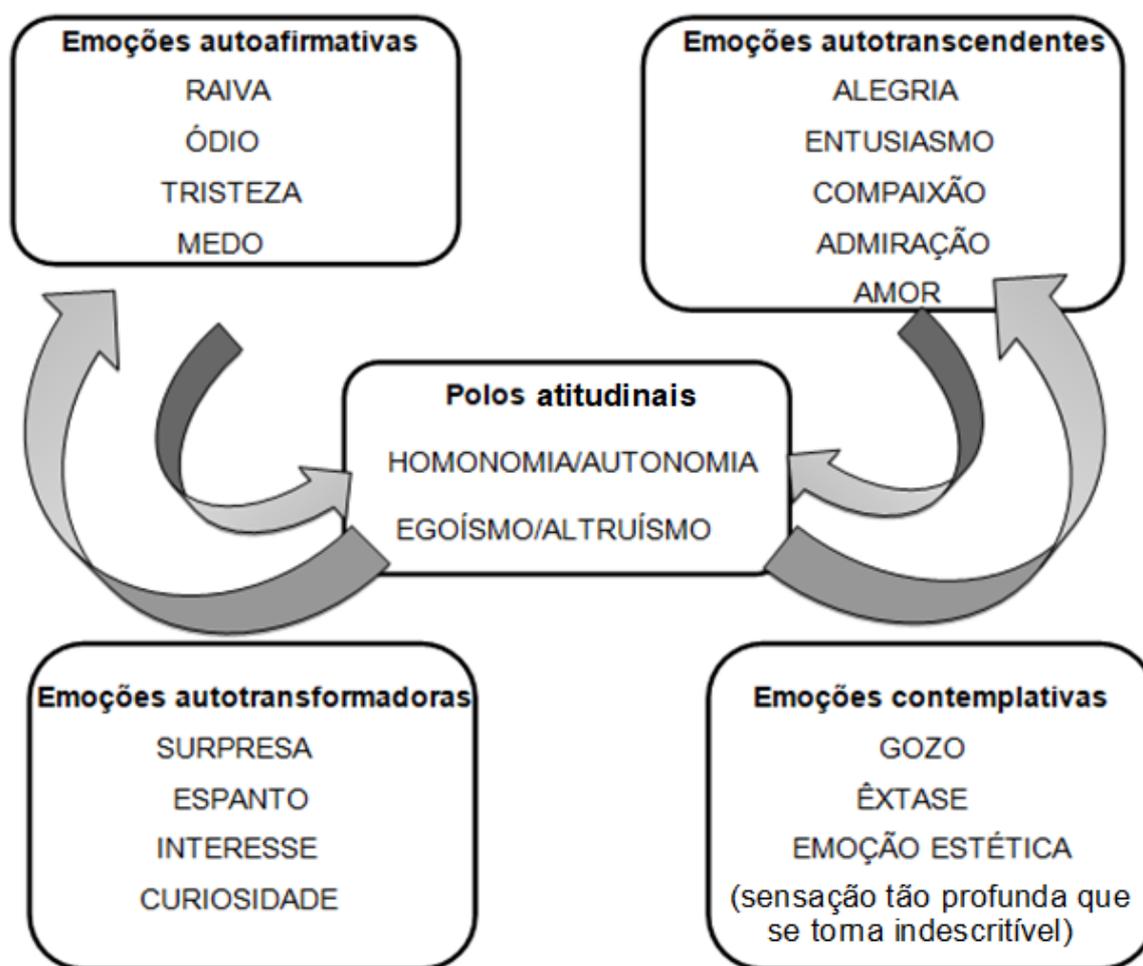
Dessa forma, compreendemos que o aluno não aprende porque o professor quer que ele aprenda, o aluno aprende quando sente necessidades internas. Logo, os estímulos externos podem ajudá-lo nesse processo, pois a transformação do objeto de conhecimento em aprendizagem significativa depende das exigências internas de cada indivíduo. O professor, se torna um facilitador, um mediador, aquele que participa e contribui com as construções dos educandos.

Se o indivíduo, através de suas observações, introduz uma ordem no que vê, já que ele, ao olhar, reconhece semelhanças, regularidades, estabelece o que é mais ou menos importante, mais ou menos semelhante e regular, o processo de assimilação de uma informação não está na dependência da qualidade da assimilação – como estaria o pressuposto do processo conscientizador -, mas está relacionado, sobretudo, ao modo como essa informação é “vista” pela dinâmica autopoietica do indivíduo (GONSALVES, 2009, p. 41).

Considerando as escolhas que o indivíduo faz a partir do seu interesse, motivado pelos estímulos externos, é perceptível que as emoções sejam o que move o olhar de interesse por algo. A palavra emoção vem do latim *e-movere*, que quer dizer mover a partir de dentro. As emoções são reações globais, inatas e passageiras. Sendo assim, a função originária da emoção é preparar o organismo para a ação (MARTINS, 2004).

Segundo José Maria Martins (2004), as emoções podem ser autoafirmativas, autotranscendentes, autotransformadoras e contemplativas, o que constitui nossa tendência à autonomia, à singularidade ou à comunhão, à integração. Vejamos:

- **Emoções autoafirmativas:** contribuem para fortalecimento da individualidade, visam à preservação da vida do indivíduo, fortalecem a identidade como seres separados e únicos; produzem um estreitamento da consciência.
- **Emoções autotranscendentes:** são contrárias às emoções autoafirmativas; facilitam a comunicação com o outro, promovem a vida em comunidade e a sobrevivência da espécie; promovem a expansão da consciência em direção ao outro. São as emoções autotranscendentes que dão origem à solidariedade, favorecem a integração e a cooperação.
- **Emoções autotransformadoras:** estão relacionadas à descoberta, à mudança para o progresso do indivíduo ou da espécie, instigam a busca pelo conhecimento; geram sonhos e gestam realidade. Expandem a consciência de maneira qualitativa.
- **Emoções contemplativas:** advêm de uma experiência da totalidade, é “a contemplação, a experiência culminante, a que excede os limites, o êxtase que vem do olhar puro [...] é autocompreensão e autodomínio” (MARTINS, 2004, p. 275). A única maneira possível de externar essas emoções com palavras é através da poesia; constituem um êxtase advindo do contato com a “ordem estética” (o Belo) ou com o “numinoso” (o Sagrado). A consciência se expande de maneira qualitativa para além dos limites do eu.



Fonte: Adaptado de MARTINS, 2004.<sup>1</sup>

Os polos atitudinais são gerados pelas emoções autoafirmativas e autotranscendentes, da mesma forma que geram emoções desses dois tipos. Nesse movimento, as emoções são manifestadas em torno do contexto em que o indivíduo está inserido. As emoções sofrem interferência de duas tendências naturais e interdependentes, uma relacionada à singularidade, à identidade do ser, que é a autonomia. A outra tendência está relacionada à compreensão de integralidade, ou seja, a compreensão de que somos parte de um todo; ao mesmo tempo em que somos um, formamos o todo. Isso caracteriza a tendência da homonomia, que se refere à comunhão, à integração com os outros (MARTINS, 2004, p. 93).

As emoções dão sentido às experiências vividas. Impedir alguém, ou principalmente uma criança, de vivenciar suas emoções provoca distúrbios psíquicos; do contrário, vivenciar

<sup>1</sup> SOARES, Lupercia Jeane. Educação Biocêntrica: um novo olhar para o desenvolvimento integral do ser nas relações escolares. In: GONSALVES, Elisa(org). Pesquisas em Educação Biocêntrica: descobertas com afeto. João Pessoa: Libelus Editorial, 2016. p.261.

as emoções possibilita a superação de possíveis traumas; possibilita também a construção da identidade da pessoa.

Feliciano Flores (2006), apresenta uma breve comparação entre afetividade e emoções:

A afetividade abrange emoções, sentimentos e desejos. As emoções têm raízes instintivas e se expressam através de reações orgânicas e modificações fisiológicas perceptíveis no sistema neurovegetativo. A afetividade pode ser evocada a partir de emoções vividas e sentimentos cultivados. Não se expressa, necessariamente, por alterações corporais evidentes (p. 57).

Desta forma, quero trazer a emoção e afetividade como fatores indissociáveis do processo de aprender, o qual se torna mais significativo quando a expressão das emoções é permitida.

Falar das emoções no processo de escolarização, não se trata apenas da relação entre professores e alunos, alunos e alunos, mas das consequências que a expressão das emoções dá ao processo de aprendizagem. É claro que a interação entre os sujeitos da escola é fundamental para o estabelecimento de um ambiente favorável a aprender, e sobre este aspecto não posso deixar de destacar a alteridade como conceito chave para as relações interpessoais; a alteridade é precisamente a relação eu-outro, acontece no respeito à diversidade, no verdadeiro encontro com o outro que é e sempre será diferente. Esse encontro determina uma relação de responsabilidade.

É uma relação ética formada pelo compromisso e pela afetividade. É preciso libertar-se de atitudes discriminatórias, respeitar a vida em todas as formas, educar as pessoas para que sejam capazes de olhar para o outro e estabelecer uma relação de igualdade.

Nesse sentido, o outro é o próximo “O encontro com o Outrem é imediatamente minha responsabilidade por ele. A responsabilidade pelo próximo é, sem dúvida, o nome grave do que se chama amor do próximo” (LÉVINAS, 2010, p. 130).

Essa relação de responsabilidade não é um peso, uma obrigação arbitrária, é uma atitude de afeto, de cuidado, de respeito e compaixão. Uma educação que prioriza estes aspectos da relação atinge as novas exigências da sociedade que se trata de educar para ser, para o bem estar consigo mesmo, com o outro e os outros.

Dentro deste contexto, o que destaco neste artigo é o papel das emoções como fator determinante para a dinâmica autopoietica dos indivíduos. O foco na produção dos conhecimentos significativos impulsionados pelas emoções. Para isso é importante considerar os estudos da neurociência para a educação, os quais “[...] permitiram a compreensão de como

a aprendizagem modifica a estrutura física cerebral, estabelecendo novas conexões de acordo com as mais diferentes situações de aprendizagem [...]” (SAMPAIO; FREITAS, 2014).

Para Rafael Bisquerra (2000), a educação busca o desenvolvimento integral dos discentes e que este desenvolvimento envolve aspectos cognitivos e emocionais, no entanto, o aspecto cognitivo recebe mais atenção e o que este autor defende é o equilíbrio entre ambos.

“As emoções são reações às informações (conhecimento) que recebemos em nossas relações com o entorno. A intensidade das emoções está em função das avaliações subjetivas que realizamos sobre como a informação recebida vai afetar nosso bem-estar [...] Uma emoção depende do que é importante para nós” (p. 63).

Biologicamente falando, as emoções são reações comandadas pelo sistema nervoso central, logo, as emoções, de acordo com Wallon, indicam que possuem uma utilidade ou não teriam centros nervosos responsáveis por sua regulação.

Henri Wallon foi um dos primeiros teóricos a pensar na importância das emoções para o desenvolvimento do ser humano. Médico, filósofo e psicólogo sempre se dedicou a compreender o psiquismo humano através da criança, enfocando a afetividade, a cognição, a motricidade e a construção do eu, elementos que são interdependentes e ajudam a compreender a pessoa completa. Wallon percebeu que seu estudo contribuía significativamente para a educação e revolucionou o ensino francês propondo a formação integral (intelectual, afetiva e social).

Em sua teoria, descreveu o desenvolvimento humano “como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva” (GALVÃO, 2008, p. 43). Sendo assim, a afetividade está ligada ao desenvolvimento cognitivo, logo, é um fator imprescindível quando falamos de educação, ensino e aprendizagem.

Assim, podemos compreender que a escola não pode separar o cognitivo do emocional para possibilitar aprendizagens. É preciso sempre refletir sobre a escola e suas ações no interior das salas de aula, a construção do conhecimento não pode se resumir a diferentes formas de *transferir* o conhecimento, aprender exige a participação ativa dos educandos e todos os aspectos do seu desenvolvimento. Para Paulo Freire, ensinar e aprender se dá com alegria.

Essas constatações trazidas para a escola, não significa desprezar o desenvolvimento cognitivo, sugere-se a articulação deste com a compreensão do

papel das emoções para contribuir efetivamente no desempenho escolar, uma vez que as emoções exercem um papel fundamental no desenvolvimento integral do ser. Segundo Juan Casassus (2009), há uma urgência do ser emocional, isso não exclui a racionalidade, mas completa o ser humano.

De acordo com Elisa Gonsalves (2015), “as emoções alteram a atenção, ativam redes associativas da memória e orientam as condutas, configurando-se como respostas da pessoa ao estímulo” (p. 117). As emoções direcionam os passos significativos de nossas ações, “não temos como escapar das emoções que estão na base dos nossos processos de aprendizagem e do modo como nos movemos no mundo que nos cerca.” (p. 9).

Esse mover no mundo é mediado por dois aspectos fundamentais no desenvolvimento humano, o cognitivo e o afetivo. Nossas motivações incluem, segundo Vygotsky, “inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção” (apud OLIVEIRA, 1992, p. 76). Isso gera o pensamento e o ato de pensar é por se só um ato consciente, gera ideias, forma conceitos sobre o mundo real. Podemos, com esta constatação, chamar de construção da aprendizagem, logo esse processo se dá mediante uma necessidade vital.

A relação emoção-aprendizagem requer uma análise delicada, pois os processos de aprendizagem compõem uma teia de fatores que favorecem ou dificultam o sucesso dos educandos.

Rafael Bisquerra, apresenta a educação emocional como uma inovação educativa e a define como:

proceso educativo, continuo y permanente, que pretende potenciar el desarrollo emocional como complemento indispensable del desarrollo cognitivo, constituyendo ambos los elementos esenciales del desarrollo de la personalidad integral. [...] puesto que debe estar presente a lo largo de todo el currículum académico y en la formación permanente a lo largo de toda la vida (s.d., s.p. Disponível em: <<http://www.rafaelbisquerra.com/es/educacion-emocional.html>> Acesso em: 03/10/2017).

A educação sempre foi alvo de muitas preocupações sobre os aspectos cognitivos, como aprimorar a aprendizagem, como promover o desenvolvimento de competências e habilidades. Conhecer os processos de aprendizagem é fundamental para o sucesso escolar, mas atualmente as preocupações com questões afetivas e sociais estão surgindo com grande força.

Muito se fala em desenvolvimento integral, sendo assim, questões emocionais são imprescindíveis para promover, de fato, esse desenvolvimento que a escola se propõe. Muitas

crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem sem diagnóstico, apresentam problemas de ordem emocional que a escola ainda não consegue ver. Aprender com questões emocionais mal resolvidas é tão difícil quanto aprender com problemas, transtornos ou dificuldades de ordem clínica.

## REFERÊNCIAS

BISQUERRA, Rafael. Concepto de educación emocional. Disponível em: <<http://www.rafaelbisquerra.com/es/educacion-emocional.html>> Acesso em: 03/10/2017).

\_\_\_\_\_. Educación emocional y bienestar. Barcelona: Praxis, 2000.

CASASSUS, Juan. Fundamentos da educação emocional. Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

DROZ, Rémy; RAHMY, Maryvonne. Ler Piaget. Tradução: Emanuel Godinho. Lisboa: Socicultur, 1977.

FLORES, Feliciano Edi Vieira. Educação Biocêntrica: por uma educação centrada na vida. In: FLORES, F. E. V. Educação Biocêntrica: aprendizagem visceral e integração afetiva. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2006.

GALVÃO, IZABEL. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GONSALVES, Elisa Pereira. Educação Biocêntrica: o presente de Rolando Toro para o pensamento pedagógico. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2009.

\_\_\_\_\_. Educação e emoções. Campinas/SP: Editora Alínea, 2015.

LÉVINAS, Emmanuel. Entre nós: ensaios sobre alteridade. Tradução de Pergentino Pivatto et al. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MARTINS, José Maria. A lógica das emoções: na ciência e na vida. Petrópolis: Vozes, 2004.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. A Árvore do Conhecimento. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. 5. ed. São Paulo: Palas Athena, 2005.

\_\_\_\_\_. De Máquinas e seres vivos: autopoiese – a organização do vivo. Tradução de Juan Acuña Llorens. 3. ed. Porto Alegre: Athenas, 1997.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. O problema da afetividade em Vygotsky. In: LA TAILLE, Yves de. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

PIAGET, Jean. Seis estudos de Piaget. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 25ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana Braga de (org.). Transtornos e dificuldades de aprendizagem: entendendo melhor os alunos com necessidades educativas especiais. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

SOARES, Lupercia Jeane. Educação Biocêntrica: um novo olhar para o desenvolvimento integral do ser nas relações escolares. In: GONSALVES, Elisa(org). Pesquisas em Educação Biocêntrica: descobertas com afeto. João Pessoa: Libelus Editorial, 2016.